

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JULHO DE 1864

Nº 7

Reclamação do Abade Barricand

O número da *Revista* do mês de junho já estava composto e impresso parcialmente quando nos chegou a seguinte carta, do abade Barricand, ao qual mandamos responder o que se segue adiante:

“Senhor.

“O Sr. Allan Kardec encarrega-me de acusar o recebimento da carta que lhe dirigistes, e de vos dizer que era supérfluo requerer a sua inserção na *Revista*. Bastaria que lhe tivésseis pedido uma retificação motivada e ele teria considerado como um dever de imparcialidade reconhecer o vosso direito. Como o número da *Revista* de 1º de junho já estava pronto quando da recepção de vossa carta, ela só poderá aparecer na edição seguinte.

“Recebei, etc.”

“Lyon, 19 de maio de 1864.

“Senhor,

“Acabo de ler na *Revista Espírita*, fascículo do mês de maio de 1864, um artigo no qual meu curso é de tal modo fantasiado e desfigurado que me vejo na obrigação de lhe dar uma resposta, para destruir a impressão desfavorável que o artigo deve ter deixado em vossos leitores, no tocante à minha pessoa e ao meu ensino.

“O artigo é intitulado: *Cursos públicos de Espiritismo em Lyon*. Jamais se viu tal designação figurar em nenhum de meus programas, e se alguém veio ao meu curso na crença de que assistiria a lições de Espiritismo, não foi, como insinuais, porque tivesse sido seduzido por um título *atraente e um pouco enganador*, mas unicamente porque não se deu ao trabalho de ler o que dizem nossos cartazes.

“Informais aos vossos leitores que o *jornal Vérité* destaca várias de nossas *asserções* e, além disso, que se encarregará de nos refutar; disto não temos dúvida, acrescentais, *pois, a julgar por seu começo, ele se desobrigará às maravilhas*. Mas não dais a conhecer essas asserções. É verdade que o nosso contraditor afirma *não ser necessário haver cursado teologia para tomar de uma pena*, e que não temerá enfrentar-nos usando *apenas as armas da razão e da fé em Deus, dadas pelo Espiritismo*;... que a *tese paradoxal que sustentamos não se discute*;... que *não nos faríamos de rogado para acompanhar o Espiritismo ao cemitério, mas que não devemos ter muita pressa em dobrar por finados*;... que, por sua própria conta, está em condições de alimentar, *por si mesmo e sem muito trabalho, essa criancinha que se chama Verdade*;... que *o sangue do futuro corre mais quente que nunca nas veias do espírita, e que ele tem a confiança íntima de que um dia nos será dado o tom definitivo do mais magnífico Te Deum*.

“Por certo o Sr. Allan Kardec se supõe em perfeitas condições de contestar os nossos argumentos e de prometer aos

seus leitores que, a julgar pelo começo, o diretor do *Vérité* se desobrigará maravilhosamente da tarefa que se impôs, de nos refutar. Mas é difícil acreditar que, fora da escola espírita, as pessoas tenham a mesma opinião; chegaríamos até mesmo a suspeitar que se o Sr. Diretor da *Revista Espírita* publicasse na íntegra, aos olhos de seus assinantes, o artigo em que o nosso antagonista aceita a luta, muitos deles teriam hesitado em considerá-lo como um princípio que promete uma refutação maravilhosa de nossas lições contra o Espiritismo.

“Mas talvez digais: o resumo que dá o *Vérité* de uma parte de vossa argumentação não a reproduz fielmente? Não, senhor, esse resumo não passa de uma paródia burlesca. Tudo aí é falsificado: nossa linguagem, nossas idéias e nosso raciocínio. Estas expressões arrogantes: *Julgo-me capaz de provar; pedestal pretensioso...; relatório enfático; cifras ambiciosas; tudo comédia; a caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida e é justo que venha em auxílio de seus discípulos*, etc., jamais entraram em nossas lições e o Sr. Diretor do *Vérité* se teria poupado ao trabalho de no-las atribuir, se tivesse compreendido, ou querido compreender, o verdadeiro estado da questão que tratávamos à sua frente.

“Com efeito, de que se tratava? De dar a conhecer ao nosso auditório qual era, no final de 1862 e de 1863, a situação do Espiritismo em Lyon. Ora, para nos apoiarmos tão-somente em dados que nenhum espírita pode recusar, em vez de falar de vossas viagens e calcular o que pudesse conter vossa caixa, contentamo-nos em confrontar vossa brochura intitulada: *Viagem Espírita em 1862* e o *vosso artigo da Revista Espírita* (janeiro de 1864), no qual dais conta aos assinantes da situação do Espiritismo em 1863. Da diferença tão evidente de tom e de linguagem notados nesses dois documentos, julgamos dever concluir, não como nos faz dizer o *Vérité*, que o Espiritismo está morto ou agonizante, mas que sofre, ao menos em Lyon, de uma paralisação, se já não entrou num período de decadência. Em apoio a esta conclusão, lembramos as

confissões do diretor do *Vérité*, porque, enquanto o Sr. Allan Kardec afirma que em 1862 podiam-se contar, sem exagero, 25 a 30 mil espíritas lioneses, o Sr. Edoux não tem dificuldade em reconhecer que o seu número hoje não passa de dez mil. Ora, que outro nome, senão decadência, pode ser dado a tão notável diminuição?

“Parece-nos que nada é mais fácil do que apreender o verdadeiro sentido de tão simples argumentação e lhe fazer uma análise exata. Mas o Sr. Diretor do *Vérité*, em vez de limitar-se a reproduzir fielmente a nossa exposição, julgou que fosse mais interessante dar aos leitores uma bonita amostra de nosso curso, inserindo-a no seu jornal.

“E, contudo, é esse relato, onde cada linha põe a descoberto a falta de lógica e de sinceridade, que julgastes dar como fundamento a essas insinuações malévolas, que tendem a nos apresentar aos vossos leitores como um homem *que se imiscui nos vossos atos privados, que de uma simples suposição tira uma consequência absoluta; que calcula o que há no fundo de vossa caixa para disso fazer o texto de um ensinamento público.* Tais acusações, assacadas irrefletidamente e sem sombra de provas, caem por si mesmas. Conforme a palavra de um autor antigo basta divulgá-las para as refutar: *Vestra exposuisse refellisse est.*

“Ao concluir o vosso artigo, julgastes dever ensinar-nos como deve ser feito um curso de teologia. Por nossa vez, guardamo-nos de vos querer dar lições, mas que nos seja permitido, ao menos, vos dar um caridoso conselho, se quiserdes evitar muitos desmentidos, o de não aceitar mais, senão com certa desconfiança, os relatórios de vossos correspondentes, porque, tomando por empréstimo a linguagem de nosso bom La Fontaine, um amigo ignorante é mais perigoso que um inimigo sábio.

“Peço-vos, e se necessário exijo, a inserção integral desta resposta no vosso próximo número.

“Recebei os protestos de meus mais elevados sentimentos.”

A. Barricand,

Deão da Faculdade de Teologia

As palavras contra as quais reclama o abade Barricand são estas: “É fácil ao Sr. Allan Kardec fazer esta asserção: *O Espiritismo está mais forte que nunca*, e citar como principal prova a criação do *Ruche* e do *Vérité*! Senhores, tudo comédia!... Esses dois jornais bem podem existir, sem que se deva concluir obrigatoriamente que o Espiritismo haja dado um passo à frente... Se me objetardes que tais jornais têm despesas e que para as pagar são necessários assinantes ou a imposição de sacrifícios esmagadores, ainda responderei: Comédia!... Ao que dizem, a caixa do Sr. Allan Kardec é bem abastecida. Não é justo e racional que venha ajudar os seus discípulos?”

Elas são extraídas textualmente do jornal *Vérité* de 10 de abril de 1864. Apenas acrescentamos as reflexões muito naturais que elas sugeriram, dizendo que não reconhecemos em ninguém o direito de calcular o fundo de nossa bolsa, nem de prejudicar o uso que fizemos do que pensamos que possuímos e, ainda menos, de fazer disto o texto de um ensinamento público. (Vide a *Revista* do mês de maio.)

Sem investigar se o abade Barricand pronunciou as palavras que contesta, ou o equivalente, é de admirar não tenha ele, em primeiro lugar, pedido a retificação ao jornal do qual as tomamos por empréstimo. Esse jornal é de 10 de abril; aparece em Lyon todas as semanas e lhe é remetido. Ora, sua carta é de 19 de maio e, nesse intervalo, cinco números tinham aparecido. De duas, uma: estas palavras são justas, ou são falsas; se são falsas, é que o

redator, que declara no artigo haver assistido à lição do professor, as inventou. Então, como é que no mesmo artigo ele protesta contra a alegação de ser subvencionado por nós, dizendo que não necessita do auxílio de ninguém e pode andar sozinho? Ter-se-ia equivocado estranhamente. Como é que em presença dessa dupla asserção o abade Barricand tenha deixado passar mais de um mês sem protestar? Seu silêncio, quando não podia ignorá-lo, deve ter sido considerado por nós como um assentimento, pois é muito evidente que se tivessem sido retificadas no *Vérité*, nós não as teríamos reproduzido.

Em sua carta, o abade Barricand volta à tese que sustentou, relativa à pretensa decadência do Espiritismo, restringindo, no entanto, o alcance de suas expressões. Já que tal pensamento o tranqüiliza, deixamo-lo de boa vontade, pois não temos o menor interesse em dissuadi-lo. Assim, que ele tire da ausência de estipulações precisas sobre o número de espíritas as conclusões que quiser, o que não impedirá que as coisas sigam o seu curso. Pouco importa se os nossos adversários acreditem ou não no progresso do Espiritismo; ao contrário, quando menos acreditarem, menos dele se ocuparão e mais nos deixarão em paz. Far-nos-emos de mortos se isto lhes for agradável. A eles caberia não nos despertar; mas, enquanto vociferarem, fulminarem, anatematizarem, usarem de violências e de perseguições, não farão ninguém acreditar que estamos mortos e bem mortos.

Até agora o clero havia pensado que um meio de apavorar, no que respeita ao Espiritismo, fazendo que o repelissem, era exagerar o número de seus adeptos além da medida. Em quantos sermões, pastorais e publicações de todo o gênero estes não foram apresentados como invasores da sociedade e, por seu aumento, pondo a Igreja em perigo? Confirmamos o progresso das idéias espíritas, pois, melhor do que ninguém, estamos em condições de constatar; mas jamais caímos em cálculos hiperbólicos e nunca dissemos, como certo pregador, que só em

Bordeaux foram vendidos mais de 170.000 francos de nossos livros. Não fomos nós que dissemos que havia 20 milhões de espíritas na França, nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que equivaleria a mais da metade da população total do globo. O resultado desses quadros foi completamente diverso do que esperavam. Ora, se quiséssemos proceder por indução, suspeitaríamos que o abade Barricand quisesse seguir uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo, em vez de os exaltar.

Seja como for, a estatística exata dos espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à idéia e que não têm qualquer motivo para se porem em evidência, já que os espíritas não estão arregimentados como numa confraria. Grande seria o equívoco de quem tomasse por base o número de grupos oficialmente conhecidos, considerando-se que nem um milésimo dos adeptos os freqüentam. Conhecemos algumas cidades onde não há nenhuma sociedade regular e nas quais há mais espíritas que em outras, que contam diversas. Aliás, já dissemos que as sociedades não são uma condição necessária à existência do Espiritismo; algumas se formam hoje e encerram suas atividades amanhã, sem que sua marcha seja entravada no que quer que seja. *O Espiritismo é uma questão de fé e de crença, e não de associação.*

Quem quer que partilhe de nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos e das conseqüências morais daí decorrentes, é espírita de fato, sem que haja necessidade de estar inscrito num registro ou matrícula, ou de receber um diploma. Basta uma simples conversa para dar a conhecer os que são simpáticos à idéia ou a repelem, e por aí se julga se ela ganha ou perde terreno.

A avaliação aproximada do número de adeptos repousa em relatórios íntimos, pois não existe qualquer base para o estabelecimento de uma cifra rigorosa, cifra, aliás, incessantemente

variável. Uma carta, por exemplo, vai nos revelar toda uma família espírita e, por vezes, várias famílias, de que não tínhamos nenhum conhecimento. Se o abade Barricand visse a nossa correspondência talvez mudasse de opinião; mas não nos preocupamos com isso.

A oposição feita a uma idéia está sempre na razão de sua importância. Se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teriam ocupado, como de tantas outras teorias. A obstinação da luta é indício certo de que o levam a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a História dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias de que foi objeto o forçaram a devolver as armas que lhe atiravam e a mostrar o lado vulnerável de seus adversários. Perseguindo-o, detiveram sua marcha? Não, certamente. Se o tivessem deixado em paz, nem o nome do clero teria sido pronunciado e talvez este tivesse vencido. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçaram-no a discutir o valor das objeções e, por isto mesmo, a entrar num terreno que ele não tinha intenção de enveredar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos, reconduzir a Deus os que o desconheciam, provar o futuro aos que criam no nada. Então, por que hoje a Igreja lança mais anátemas sobre aqueles aos quais dá fé, do que quando em nada criam? Repelindo os que crêem em Deus e na alma pelo Espiritismo, é estrangê-los a buscar refúgio fora da Igreja. Quem primeiro proclamou que o Espiritismo era uma religião nova, com seu culto e seus sacerdotes, senão o clero? Onde se viu, até agora, o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se algum dia tornar-se uma religião, é o clero que o terá provocado.

A Religião e o Progresso

Hoje geralmente se pensa que a Igreja admite o fogo do inferno como um fogo moral e não como um fogo material. Tal é, pelo menos, a opinião da maioria dos teólogos e de muitos eclesiásticos esclarecidos. Contudo, é apenas uma opinião

individual, e não uma crença adquirida pela ortodoxia, pois, do contrário, seria universalmente professada. Pode julgar-se pelo seguinte quadro, que um pregador traçou do inferno, durante a última quaresma, em Montreuil-sur-Mer:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e se um dos corpos que ali queimam sem se consumir viesse a ser lançado no nosso planeta, empestá-lo-ia de ponta a ponta!

“O inferno é uma vasta e sombria caverna, guarnecida de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas afiadas, de navalhas bem cortantes, na qual são precipitadas as almas dos danados!”

Seria supérfluo refutar esta descrição; no entanto, poderíamos perguntar ao orador onde colheu um conhecimento tão preciso do lugar que descreve. Por certo não foi no Evangelho, onde não se trata de pregos, nem de espadas, nem de navalhas. Para saber se essas lâminas são bem afiadas e bem cortantes, é preciso tê-las visto e experimentado. Será que, novo Enéas ou Orfeu, ele próprio teria descido a essa caverna sombria que, aliás, muito se assemelha ao Tártaro dos pagãos? Além disso, ele deveria ter explicado a ação que pregos e navalhas poderiam ter sobre as almas e a necessidade de serem bem afiados e de boa têmpera. Já que conhece tão bem os detalhes interiores do local, também deveria ter dito onde está situado. Não é no centro da Terra, pois supõe a hipótese de um dos corpos que ela encerra ter sido lançado em nosso planeta. Então é no espaço? Mas a astronomia aí fixou o seu olhar muito antes, sem nada descobrir. É verdade que não olhou com os olhos da fé.

Seja como for, o quadro é feito para seduzir os incrédulos? É bastante duvidoso, pois é mais adequado para diminuir o número dos crentes.

Em contrapartida, citaremos o seguinte trecho de uma carta escrita de *Riom*, e relatada no jornal *Vérité*, em seu número de 20 de março de 1864:

“Ontem, para minha grande surpresa e satisfação, ouvi com os próprios ouvidos esta serena confissão da boca de um eloqüente pregador, em presença de numeroso e atônito auditório: *Não há mais inferno... o inferno não existe mais... foi substituído admiravelmente pelos fogos da caridade e do amor, que resgatam as nossas faltas!*

“Nossa divina doutrina (o Espiritismo) não está encerrada inteiramente nestas poucas palavras?”

É inútil dizer qual dos dois teve mais simpatias do auditório; mas o segundo poderia até ser acusado de heresia pelo primeiro. Outrora teria expiado, infalivelmente, na fogueira ou numa masmorra a audácia de haver proclamado que Deus não manda queimar as suas criaturas.

Esta dupla citação nos sugere as seguintes reflexões:

Se uns acreditam na materialidade das penas, enquanto outros a negam, necessariamente uns laboram em erro e outros têm razão.

Este ponto é mais capital do que parece à primeira vista, porque é o caminho aberto às interpretações numa religião fundada na unidade absoluta da crença e que, em princípio, repele a interpretação.

É bem certo que até hoje a materialidade das penas tem participado das crenças dogmáticas da Igreja. Por que, então, nem todos os teólogos lhe dão crédito? Como nem uns, nem outros o verificaram por si mesmos, o que leva alguns a ver apenas uma imagem onde outros vêem a realidade, senão *a razão* que, nos primeiros, supera a fé cega? Ora, a razão é o livre-exame.

Eis, pois, a razão e o livre-exame entrando na Igreja pela força da opinião. Poder-se-ia dizer, sem metáfora, pela porta do inferno; é a mão posta no santuário dos dogmas, não pelos leigos, mas pelo próprio clero.

Não se julgue esta uma questão de menor importância, pois contém em si o germe de toda uma revolução religiosa e de um imenso cisma, muito mais radical que o protestantismo, porque não ameaça apenas o catolicismo, mas o protestantismo, a Igreja grega e todas as seitas cristãs. Com efeito, entre a materialidade das penas e as penas puramente morais, há toda a distância do sentido próprio ao sentido figurado, da alegoria à realidade. Desde que se admitam as chamas do inferno como alegoria, torna-se evidente que as palavras de Jesus: “Ide ao fogo eterno” têm um sentido alegórico. Daí a consequência de que o mesmo deve acontecer com outras de suas palavras.

Mas a consequência mais grave é esta: Uma vez que se admita a interpretação sobre um ponto, não há motivo para a rejeitar sobre outros; é, pois, como dissemos, a porta aberta à livre discussão, um golpe mortal desferido no princípio absoluto da fé cega. A crença na materialidade das penas liga-se intimamente a outros artigos de fé, que lhe são corolários; transformada essa crença, as outras se transformarão pela força das coisas e, assim, gradualmente.

Já temos uma aplicação disto. Há poucos anos ainda, o dogma: *Fora da Igreja não há salvação*, estava em toda a sua força; o batismo era condição tão imperiosa, que bastava que o filho de um herético o recebesse clandestinamente e à revelia dos pais, para ser salvo, porquanto tudo que não fosse rigorosamente ortodoxo era irremissivelmente condenado. Mas, tendo a razão humana se levantado contra esses bilhões de almas votadas às torturas eternas, quando delas não dependera ser esclarecidas na verdadeira fé; contra essas inúmeras crianças que morrem antes de adquirir a

consciência de seus atos e que, nem por isso, são menos danadas, se a negligência ou a fé religiosa de seus pais as privou do batismo, a Igreja viu-se forçada, nesse ponto, a renunciar ao seu absolutismo. Hoje ela diz, ou, pelo menos, diz a maioria de seus teólogos, que essas crianças não são responsáveis pelas faltas dos pais; que a responsabilidade só começa no momento em que, tendo a possibilidade de se esclarecerem, o recusam e, por isto, estas crianças não são danadas por não haverem recebido o batismo; que o mesmo se dá com os selvagens e os idólatras de todas as seitas. Alguns vão mais longe: reconhecem que, pela prática das virtudes cristãs, isto é, *da humildade e da caridade*, pode-se ser salvo em todas as religiões, porque depende, também, da vontade de um hindu, de um judeu, de um muçulmano, de um protestante, quanto de um católico, viver cristãmente; que aquele que vive assim está na Igreja pelo espírito, mesmo que não o esteja pela forma. Não está aí o princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, ampliado e transformado no *Fora da caridade não há salvação*? É precisamente o que ensina o Espiritismo e, contudo, é por isto que ele é declarado obra do demônio. Por que essas máximas seriam o sopro do demônio na boca dos espíritas e não na dos ministros da Igreja? Se a ortodoxia da fé está ameaçada, então não o é pelo Espiritismo, mas pela própria Igreja, porque ela sofre, mau grado seu, a pressão da opinião geral e porque, entre seus membros, encontram-se alguns que vêm as coisas de mais alto e nos quais a força da lógica leva a melhor a fé cega.

Talvez parecesse temerário dizer que a Igreja marcha ao encontro do Espiritismo; entretanto, é uma verdade que reconhecerão mais tarde. Avançando para o combater, nem por isso ela deixa, pouco a pouco, de lhe assimilar os princípios, mesmo sem o suspeitar.

Esta nova maneira de encarar a questão da salvação é grave. Posto acima da forma, o Espírito é um princípio eminentemente revolucionário na ortodoxia. Sendo reconhecida

possível a salvação fora da Igreja, a eficácia do batismo é relativa, e não absoluta: torna-se um símbolo. Não trazendo a criança não batizada a pena da negligência nem da má vontade dos pais, em que se torna a pena incorrida por todo o gênero humano pela falta do primeiro homem? em que se torna também o pecado original, tal qual o entende a Igreja?

Muitas vezes os maiores efeitos decorrem de pequenas causas. O direito de interpretação e de livre-exame, pueril na aparência, uma vez admitido na questão da materialidade das penas futuras, é um primeiro passo cujas conseqüências são incalculáveis, porque representa uma brecha na imutabilidade dogmática, e uma pedra arrancada arrasta outras. Forçoso é convir: a posição da Igreja é delicada. Todavia, só há um dos dois partidos a tomar: ficar estacionária, a despeito de tudo, ou ir para frente. Mas, então, não poderá escapar deste dilema: se se imobilizar de modo absoluto nos erros do passado, será infalivelmente superada, como já o é, pelo fluxo das idéias novas, depois isolada e, por fim, desmembrada, como o seria hoje, se tivesse persistido em expulsar do seu seio os que crêem no movimento da Terra, ou nos períodos geológicos da Criação; se entrar na via da interpretação dos dogmas transforma-se e aí entra pelo simples fato de renunciar à materialidade das penas e à necessidade absoluta do batismo.

O perigo de uma transformação, aliás, está clara e energicamente formulado na seguinte passagem de um opúsculo publicado pelo padre *Marin de Boylesve*, da Companhia de Jesus, sob o título de *O milagre e o diabo*, em resposta à *Revue des Deux-Mondes*.

“Há, entre outras, uma questão que, para a religião, é de vida ou de morte: a questão do milagre. A do diabo não é menos. Tirai o diabo, e o Cristianismo desaparece. Se o diabo não passar de um mito, a queda de Adão e o pecado original entrarão no domínio das fábulas. Por conseguinte a redenção, o batismo, a Igreja, o

Cristianismo, numa palavra, não têm mais razão de ser. Por isso a Ciência não poupa esforços para apagar o milagre e suprimir o diabo.”

Desse modo, se a Ciência descobrir uma lei da Natureza, que faça entrar nos fatos naturais um fato que é reputado miraculoso; se provar a anterioridade da raça humana e a multiplicidade de suas origens, todo o edifício se desmorona. Uma religião é muito frágil quando uma descoberta científica lhe é uma questão de vida e morte. Eis uma confissão desastrosa. Por nossa conta, estamos longe de partilhar das apreensões do padre Boylesve em relação ao Cristianismo. Dizemos que o Cristianismo, tal qual saiu da boca de Jesus, mas apenas tal qual saiu, é invulnerável, porque é a lei de Deus.

A conclusão é esta: Nada de concessão, sob pena de morrer. Esquece o autor de examinar se há mais chances de viver na imobilidade. Nossa opinião é que há menos e que é preferível viver transformado a não viver de modo algum.

Num e noutro caso, a cisão é inevitável. Pode mesmo dizer-se que já existe; a unidade doutrinária está rompida, pois não há acordo perfeito no ensino; uns aprovam o que outros censuram; uns absolvem o que outros condenam. Assim, vêem-se fiéis indo de preferência àqueles cujas idéias mais lhes convêm. Dividindo-se os pastores, o rebanho igualmente se divide. Dessa divergência a uma separação, a distância não é grande; um passo a mais e os que estão na vanguarda serão tratados como heréticos pelos que ficaram na retaguarda. Ora, eis o cisma estabelecido; aí está o perigo da imobilidade.

A religião, ou melhor, todas as religiões sofrem, mau grado seu, a influência do movimento progressivo das idéias. Uma necessidade fatal as obriga a se manterem no nível do movimento ascensional, sob pena de soçobram. Assim, todas têm sido

forçadas, de tempos em tempos, a fazer concessões à Ciência, a minimizar o sentido literal de certas crenças ante a evidência dos fatos. A que repudiasse as descobertas da Ciência e suas conseqüências, do ponto de vista religioso, mais cedo ou mais tarde perderia a sua autoridade e o seu crédito e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela Ciência, a culpa não é da Ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos, em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas. Repudiar a Ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza e, por isto mesmo, renegar a obra de Deus; fazê-lo em nome da religião seria pôr Deus em contradição consigo mesmo e fazê-lo dizer: Estabeleci leis para reger o mundo; mas não acrediteis nessas leis.

O homem não tem sido capaz, nas diferentes épocas, de conhecer todas as leis da Natureza. A descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, a necessidade de pôr suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob pena de receberem o desmentido dos fatos constatados pela Ciência. Só com esta condição uma religião é invulnerável. Em nossa opinião, a religião deveria fazer mais do que se pôr a reboque do progresso, que apenas acompanha constrangida e forçada; deveria ser uma sentinela avançada, porque é honrar a Deus proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis.

A contradição que existe entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a Ciência e a religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade e a necessidade desse acordo, porque, em nosso entender, a Ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus e devem completar-se entre si, em vez de se desmentirem reciprocamente. Elas se estenderão as mãos, quando a Ciência não vir na religião nada de incompatível com os fatos demonstrados e a religião não mais tiver que temer a

demonstração dos fatos. O Espiritismo, pela revelação das leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, será o traço de união que lhes permitirá se olhem face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que diariamente tantos incrédulos são reconduzidos a Deus.

O Espiritismo em Constantinopla

Sob esse título, o jornal de Constantinopla publicou, em março último, três artigos muito extensos sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo que, naquela capital, têm muitos adeptos fervorosos. Como, em geral, fazemos em todas as críticas, em vão procuramos argumentos sérios, ao passo que vimos a prova evidente de que o autor fala de algo que desconhece, ou só conhece muito superficialmente; julga o Espiritismo pelas aparências, por ouvir-dizer, pela leitura de alguns fragmentos incompletos, pelo relato de alguns fatos excêntricos repudiados pelo próprio Espiritismo, o que lhe parece suficiente para proferir uma sentença. Como se vê, é uma nova demonstração da lógica dos nossos antagonistas. O que parece ter sido mais lido é o Sr. de Mirville, a magia do Sr. Dupotet e a vida do Sr. Home; mas da ciência espírita propriamente dita, não se vêem estudos, nem observações sérias.

Estamos longe de pretender que quem estude o Espiritismo deva necessariamente aprová-lo. Mas, se for de boa-fé, mesmo censurando não se afastará da verdade; não nos fará dizer o contrário do que dizemos, o que ocorrerá fatalmente se não souber tudo quanto dissemos. Só reconheceríamos como crítico sério aquele que, saindo das generalidades, aos nossos argumentos opusesse argumentos peremptórios e provasse, sem réplica possível, que os fatos sobre os quais nos apoiamos são falsos, inventados e radicalmente impossíveis. É o que ninguém ainda fez,

tanto o redator do jornal de Constantinopla quanto os outros. O Espiritismo tem sido atacado de todas as maneiras, com todas as armas que julgaram mais mortíferas; nada foi poupado para o aniquilar, nem mesmo a calúnia; não há o mais medíocre escritor que, num opúsculo ou folhetim, não se tenha jactado de lhe dar o golpe de misericórdia; entre os seus adversários encontram-se homens de real valor, que esmiuçaram até o fundo o arsenal das objeções, com ardor tanto maior quanto maior o interesse em o abafar. No entanto, a despeito do que tenham feito, não só ele ainda está de pé, mas se espalha, dia a dia, cada vez mais; implanta-se por toda parte; o número de seus adeptos cresce incessantemente. Isto é um fato notório. Que se deve concluir disto? É que nada lhe puderam opor de sério e concludente. Nosso contraditor de Constantinopla seria mais feliz? Duvidamos muito, se não tiver melhores argumentos a fazer valer. Seus artigos, longe de deter o movimento espírita no Oriente, só o pode favorecer, como aconteceu com todos do mesmo gênero, pois giraram exatamente no mesmo círculo; eis por que não nos preocupamos. Limitar-nos-emos a citar alguns trechos, que resumem a opinião do autor.

Não há uma só de suas objeções contra o Espiritismo que não encontre sua refutação em nossas obras. Se tivéssemos de refutar todos os absurdos atribuídos ao assunto, teríamos de nos repetir incessantemente, o que é inútil, pois, em última análise, não tendo essas críticas nenhum fundo sério, mais ajudam que prejudicam.

“Ao lado dos praticantes habilidosos, tais como o Sr. Dupotet, mágico, ou o Sr. Home, médium, vêm colocar-se operadores de uma ordem diferente, em cujas primeiras filas figura o Sr. Allan Kardec. Este pode ser apresentado como o modelo sobre o qual é calcado todo um quadro de espíritas, cuja boa-fé não poderia ser posta em dúvida.

“Como já dissemos, os espíritas de Constantinopla pertencem a essa escola literária e artística, que milita principalmente por seus escritos, dos quais a *Revista Espírita*, do Sr. Allan Kardec, é o tipo mais perfeito. São os adeptos desta categoria que estabeleceram a doutrina. A teoria dos Espíritos não tem mais nenhum segredo para eles; assim, na maioria das vezes desdenham recorrer aos processos materiais empregados pelos médiuns comuns. Têm manifestações diretas. Seu processo, tão simples quanto eles próprios, consiste em tomar um lápis comum, como o primeiro profano que chegasse, com o auxílio do qual são postos em relação imediata com os Espíritos e escrevem sob o seu ditado. Entre outras vantagens, este método lhes permite pôr de lado toda a modéstia e dar às suas próprias obras os mais exagerados louvores, cobrindo-se com o nome de seus supostos autores.

“Antes de crer na exatidão do médium escrevente *mecânico*, gostaríamos de ver um idiota escrever alguma bela página, tal como os Espíritos que agem por via mediúnica jamais ditaram. O médium *intuitivo* é mais aceitável; mas nos parece muito difícil que a experiência ensine a distinguir o pensamento do Espírito do do médium. Aliás, o papel representado por este último pode ser facilmente explicado. Na maioria dos casos ele é sincero e é antes a ele do que aos operadores da ordem dos senhores Home e Dupotet que se aplicaria com justeza a opinião emitida pelo Sr. conde de Gasparin. Quanto à opinião do Sr. de Mirville, aqui não há lugar para discuti-la, pois está perfeitamente provado que nenhum médium, pelo menos em Constantinopla, seja feiticeiro.

“Se tivéssemos de defender os espíritas contra acusações tão odiosas quanto as que aqui repelimos, bastaria, para demonstrar sua completa *inocência*, citar alguns dos ensinamentos dados pelos Espíritos.

“Os diferentes planetas que circulam no espaço são povoados como a nossa Terra. As *observações astronômicas* induzem

a pensar que os meios aonde vão os seus respectivos habitantes são bastante diversos para necessitar organizações corpóreas diferentes; mas o *perispírito* se acomoda à variedade dos tipos e permite ao Espírito que ele encobre encarnar na superfície de planetas diferentes.

“O estado moral, intelectual e físico desses mundos forma uma série progressiva, na qual a nossa Terra não ocupa a primeira, nem a última posição; ela é, contudo, um dos globos mais materiais e mais atrasados. Uns há onde o mal moral é desconhecido; onde as artes e as ciências chegaram a um grau de perfeição que não podemos compreender; onde a organização física não está sujeita aos sofrimentos, nem às doenças; onde *os homens* vivem em paz, sem se prejudicarem, isentos de pesares e de preocupações.

“*Com meus novos instrumentos, esta noite verei homens na Lua...*” diz, em algum lugar, o rei Afonso. Mais ditosos que ele, os espíritas os viram, mas não é justo que invejem a sorte dos lunáticos; pensamos que nada os impediria de gozar à vontade, a partir deste mundo.

“De tudo o que precede, vê-se a que se reduzem o maravilhoso e o sobrenatural do Espiritismo. Para os aniquilar, basta examinar todos os fatos que citamos, sem idéias preconcebidas e neles achar as mais repreensíveis práticas de feitiçaria, ou a ação de um fluido, cuja existência os cientistas negam. Para quem quiser se dar ao trabalho de assistir às suas sessões, sem se condenar a tomar os fatos que eles produzem pelo que dizem que são, os senhores Home e Dupotet, como todos os operadores da mesma ordem, serão, muito evidentemente, mistificadores interessados. Quando muito, suas operações serão comparáveis, quanto à habilidade, às do Sr. Bosco, mas este tem mais sinceridade, o que não permite levar mais longe a comparação entre eles.

“Muito diferente dos mágicos de que acabamos de falar, os médiuns da categoria do Sr. Allan Kardec, à qual pertencem, em geral, os espíritas de Constantinopla, são, ao contrário, mistificados. Todos os seus esforços tendem a tornar cada vez mais completa a mistificação de si próprios. A despeito de toda a boa vontade que se lhes tenha, é verdadeiramente impossível levar a sério qualquer de suas práticas. Todavia, é permitido lamentar que criaturas honestas assim passem a maior parte de seu tempo a se persuadirem de erros que, para eles, se tornam a realidade. Por mais inofensivos que, no fundo, possam parecer esses erros, não é menos certo que só podem produzir funestos resultados, pois tomam o lugar da verdade. É neste sentido que são condenáveis.”

Os próprios espíritas de Constantinopla se encarregaram de responder em dois artigos que o jornal publicou, em seus números de 21 e 22 de março último. Um é de um médium, que dá conta da maneira pela qual a sua faculdade se desenvolveu e triunfou sobre a sua incredulidade. O outro, que reproduzimos a seguir, é em nome de todos.

“Senhor redator,

“Vosso jornal acaba de publicar três longos artigos intitulados: *O Espiritismo em Constantinopla*, em consequência dos quais vimos pedir que vos digneis abrir espaço às linhas seguintes:

O VERDADEIRO ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA

“A doutrina que se baseia na crença de um Deus infinitamente justo e infinitamente bom: o amor infinito; que indica como objetivo aos Espíritos, criados por esse mesmo Deus, o encaminhamento para a perfeição cada vez mais completa; e para castigo, no estado de Espírito, a perfeita percepção desse objetivo, com o pesar de dele se haver afastado, simultaneamente à necessidade de recomeçar esta marcha ascensional para novas

encarnações... A doutrina que ensina a moral mais pura, a mesma que o Cristo expôs por estas simples palavras: *Amai-vos uns aos outros...* Uma tal doutrina de amor, digamo-lo altivamente, pode muito bem se privar das manifestações que o autor dos artigos *O Espiritismo em Constantinopla*, depois de haver prometido explicá-los fora do Espiritismo, limita-se a qualificar de mistificações.

“Mas essas manifestações, hoje tão bem constatadas, e cuja prova se acha quase em cada página da história da Humanidade, Deus as permite continuamente, a fim de dar a todos a prova da solidariedade que existe entre os Espíritos encarnados e desencarnados; e isto a fim de que uns e outros se auxiliem mutuamente e que o ser espiritual, chamado à vida eterna, possa atingir mais facilmente e, sobretudo, mais seguramente, o objetivo providencial atribuído à Criação.

“Se os fatos dos quais decorrem semelhantes teorias, que são a base da Doutrina Espírita, podem ser tomados *por certas pessoas* como mistificações, pelo menos elas deveriam indicar as razões e, o que seria ainda melhor, apresentar outras *teorias mais racionais* e, sobretudo, mais verdadeiras.

“Agora, chamai a verdade *feitiçaria, magia, prestidigitação* e outros epítetos ainda mais ridículos e não impedireis que *esta verdade* se propague e estenda os seus raios benfazejos sobre todo o gênero humano.

“Eis por que o Espiritismo espalhou-se tão rapidamente em toda a face da Terra, apesar das críticas do gênero dos citados artigos, os quais não impedirão que os seus adeptos se contem por milhões.”

Os espíritas de Constantinopla

Dirigimos aos nossos irmãos espíritas de Constantinopla, tanto em nosso nome pessoal quanto no dos

membros da Sociedade de Paris, as sinceras felicitações que merece sua resposta, ao mesmo tempo digna e moderada. A carta seguinte, que a respeito nos escreve o Sr. Repos, advogado, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, testemunha muito bem o devotamento à causa da doutrina, para que tomemos como um dever e sincero prazer a sua publicação, a fim de que os espíritas de todos os países saibam que na capital do Oriente existem irmãos com cuja fraternidade podem contar. Falando do Oriente, não devemos esquecer os de Esmirna; eles também se fazem merecedores de todas as suas simpatias.

“Constantinopla, 15 de junho de 1864.

“Caro mestre e mui honrado irmão em Espiritismo,

“Recebi em tempo vossa estimável carta de 8 de abril último, que me deu o maior prazer, assim como aos nossos irmãos espíritas, aos quais dei conhecimento em sessão.

“Associam-se a mim todos os espíritas de Constantinopla para, em conjunto, assegurarmos os nossos fraternos sentimentos a vós e a todos os espíritas que fazem parte da Sociedade de Paris. E agradecendo o encorajamento que nos dais, para nos ajudar a combater por nossa grande causa, fiquei persuadido de que não falharemos na tarefa que empreendemos, e que todos os nossos esforços se concentrarão para a propagação da verdade, do amor do bem e da emancipação intelectual dos outros homens, nossos irmãos em Deus, ainda que tivéssemos de sustentar as mais encarniçadas lutas contra os nossos inimigos. Se há homens bastante servis e bastante covardes para ousarem combater a verdade, também os há suficientemente independentes e corajosos para defendê-la, assim obedecendo aos sentimentos de justiça e de amor fraterno, que fazem do ser humano um verdadeiro filho de Deus.

“Foi com vivíssimo interesse que li os interessantes detalhes contidos em vossa citada carta, em relação ao progresso do Espiritismo na França e alhures. Esperamos que, no futuro, a idéia cresça cada vez mais e o desejamos ardentemente pelos nossos irmãos terrenos de todos os países e de todas as religiões.

“O jacto possante da revelação brota por todos os lados; cego quem não o vê, imprudente quem o nega, insensato quem o combate, buscando reprimi-lo na fonte; sua água pura e límpida não vem do trono eterno para se espalhar em suave e fecundo orvalho sobre a Terra inteira, que deve regenerar? Nenhuma força humana poderá, então, comprimi-la!... E, com efeito, não vemos que, desde que um jacto surge em qualquer parte, se alguém fizer esforços para o comprimir, logo se vêem milhares de jactos surgindo em todas as direções e em todos os degraus da escala social? Tanto é verdade que a vontade divina é onipotente e que, num dado momento, nenhum obstáculo se lhe pode opor, sob pena de ser derrubado e esmagado pelo carro deslumbrante da justiça e da verdade.

“Caro mestre, tenho grato dever a cumprir: o de vos cumprimentar, tanto em meu nome quanto no de todos os irmãos espíritas do Oriente, pela condenação sofrida por vossas obras pela santíssima inquisição do pensamento, quero dizer, a condenação do Índex. Rejubilai-vos, pois, com todos os nossos irmãos: se vossas obras levantaram grandes cóleras, estas não vos puderam ferir, servindo apenas para tornar ridículos os vossos contraditores e revelar as suas intenções ocultas. Tal julgamento já foi declarado nulo e sem valor pela opinião pública de todos os países.

“Provavelmente já recebestes os jornais de Constantinopla que vos enviei e nos quais se achavam a maioria dos artigos publicados contra o Espiritismo e os espíritas. Vistes as nossas duas pequenas respostas? Que pensais delas? Aqui produziram bom efeito e agora se fala do Espiritismo mais que

nunca. Esperamos pacientemente o que direis para nos ajudar a combater a fraude e a mentira, único apanágio dos inimigos de nossa bela doutrina.

“Aqui já começou a perseguição surda que anunciastes. Um dos nossos irmãos perdeu o emprego devido à sua qualidade de espírita; outros são perseguidos, ameaçados em seus mais caros interesses de família ou nos meios de subsistência, pelas manobras tenebrosas dos eternos inimigos da luz, que ousam dizer que o Espiritismo é obra do anjo-das-trevas! Se é assim que julgam sufocá-lo, enganam-se. Longe de deter, a perseguição faz crescer toda idéia que vem do alto; apressa sua eclosão e sua maturidade, porque é o adubo que a fecunda; prova a ausência de qualquer meio inteligente para combatê-la. O sangue dos mártires sufocou a idéia cristã?”

“Até a vista, caro mestre. Crede em minha dedicação muito sincera a vós e aos nossos irmãos espíritas de Paris, aos quais vos peço apresenteis os meus cumprimentos.”

B. Repos Filho,
Advogado

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro

de 23 de setembro de 1863

CRÔNICA DE PARIS

A propósito dos espectros dos teatros, assim concluiu o correspondente, depois de haver feito o seu histórico:

“Assim, no próximo inverno, cada um poderá brindar seus amigos com o espetáculo, tornado popular, de alguns fantasmas e outras curiosidades sobrenaturais. À sobremesa

apagarão as velas e ver-se-ão aparecer, envoltos em seus sudários, os espectros modernos, substituindo as antigas canções que outrora cantavam nossos avós. Nos bailes, em vez de refrescos, desfilarão fantasmas. Que distração encantadora! Só de pensar a gente se arrepia.”

Depois o autor passa ao Espiritismo:

“Já que falamos de coisas sobrenaturais, não passaremos em silêncio *O Livro dos Espíritos*. Que título atraente! que mistérios não oculta! E se voltarmos ao ponto de partida, que caminho não percorreram essas idéias nos últimos anos! – No começo esses fenômenos, ainda não explicados, consistiam numa simples mesa posta em movimento pela imposição das mãos; hoje as mesas não se contentam mais em girar, saltar, erguer-se num pé, fazer mil piruetas; vão mais longe: falam! Quando digo: falam, é que têm um alfabeto próprio e, mesmo, vários. Basta dirigir-lhes uma pergunta e logo é dada a resposta por pequenas batidas seguidas, com o pé, ou por meio de um lápis que, seguro pela mão, põe-se a traçar, no papel, sinais, palavras, frases inteiras ditadas por uma vontade estranha e desconhecida. Então a mão se torna um simples instrumento, um mero porta-lápis, e o Espírito da pessoa fica completamente estranho a tudo o que se passa.

“O Espiritismo – é assim que chamam a ciência desses fenômenos – em poucos anos fez grandes progressos nos fatos e na prática; mas a teoria, em minha opinião, não fez o mesmo caminho, ficou estacionária e direi por quê.

“É incontestável, a menos que as pessoas que se ocupam dessa matéria não tenham interesse em se enganar e nos enganar, que os fatos existem. Não só se revelam por meio das mesas, mas, também, se nos apresentam todos os dias e a todas as horas. Excitam a admiração de todos, mas cada um fica nisto. Por exemplo:

“Duas pessoas concebem a mesma idéia ou se encontram simultaneamente na mesma palavra; alguém que não encontramos com freqüência e em quem acabamos de pensar apresenta-se inopinadamente; batem à nossa porta e, a despeito de nada vir de fora que nos indique a pessoa, adivinhamos quem é; uma carta com dinheiro nos chega num momento de urgência; e tantos outros casos freqüentes, tão numerosos e conhecidos de todo o mundo. Tudo isto pode ser atribuído ao acaso? Não; não pode ser o acaso em caso algum. E por que não seria uma comunicação fluídica, inapreciável à nossa organização material, enfim um sexto sentido de natureza mais elevada? Ninguém sabe onde reside a alma; ela não é visível, nem ponderável, nem tangível e, todavia, cheios de convicção como estamos, afirmamos a sua existência.

“Qual a natureza do agente elétrico? O que é o ímã?... E, contudo, os efeitos da eletricidade e do magnetismo estão sempre patentes aos nossos olhos. Estou convencido de que um dia se dará o mesmo com o Espiritismo, ou seja qual for o nome que a Ciência, em última instância, haja por bem lhe dar.

“Desde algum tempo tenho visto numerosos casos de catalepsia, de magnetismo, de Espiritismo e não posso conservar a menor dúvida a seu respeito; mas o que me parece mais difícil é poder explicá-los e os atribuir a esta ou àquela causa. Assim, é necessário proceder com prudência e reserva de opinião, abstendo-se de cair nos dois extremos: ou negar todos os fatos, ou submetê-los todos a uma teoria prematura.

“A existência dos fenômenos é incontestável; sua teoria ainda está por descobrir: eis hoje o estado da questão. Não se pode negar que haja algo de singular e digno de ser examinado nesta idéia que agitou o mundo inteiro e que reaparece com mais intensidade que nunca, nessa idéia que tem os seus órgãos periódicos, seus anais de observação e que tem emocionado os espíritos na Áustria, na Itália e na América, fazendo nascerem reuniões na França, país onde elas raramente se formam, e onde o governo dificilmente as tolera.

“Esta invasão geral, além de produzir uma viva impressão, tem altíssima importância. É necessário, pois, sem precipitação nem idéias preconcebidas, verificar esses fenômenos com boa-fé, até que venham a ser explicados, o que será feito um dia, se a Deus aprouver nos revelar a natureza desse agente misterioso.”

Como se vê, o autor não é muito adiantado; mas, pelo menos, não julga o que não sabe. Reconhece a existência dos fatos e sua causa primeira, mas desconhece seu modo de produção. Ignora os progressos da parte teórica da ciência e, a respeito, dá um conselho muito sábio: o de não fazer teorias arriscadas, como no começo dos fenômenos muitos se apressaram em fazer, em que cada um se desdobrava para os explicar à sua maneira. Assim, a maioria desses sistemas prematuros caiu por efeito de experiências ulteriores, que vieram contradizê-los. Hoje possuímos uma teoria racional, na qual *nenhum ponto foi admitido a título de hipótese*; tudo é deduzido da experiência e da observação atenta dos fatos. Pode dizer-se que, a tal respeito, o Espiritismo tem sido estudado à maneira das ciências exatas.

Negada ontem, esta ciência não disse tudo; ao contrário, ainda resta muita a aprender. Mas disse bastante para ser fixada em bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais. Foram qualificados como sobrenaturais e maravilhosos por falta de conhecimento da lei que os rege, como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Natureza. Dando a conhecer esta lei, o Espiritismo restringe o círculo do maravilhoso, ao invés de o ampliar. Dizemos mais: ele lhe desfecha o último golpe. Os que falam de outro modo provam que não o estudaram.

Constatamos com satisfação que a idéia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta expressivo número de representantes, fervorosos e devotados. A pequena

brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, publicada em português, muito contribuiu para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina.

Extrato do *Progrès Colonial*, Jornal da Ilha Maurício

de 28 de março de 1864

Ao Sr. Redator do Progrès Colonial.

“Senhor,

“Conhecendo o vosso liberalismo e também sabendo que vos ocupais de Espiritismo, queira fazer o obséquio de inserir em vosso próximo número a carta que vos envio, dirigida ao abade Régnon, deixando-vos a liberdade de fazer as reflexões que julgardes convenientes no interesse da verdade.

“Contando com a vossa imparcialidade, ousou pensar que abrireis as colunas do vosso jornal para todas as reclamações do gênero das que tenho a honra de vos enviar.

“Sou, senhor, vosso humilde servo.”

C.

Ao Sr. abade Régnon.

“Port-Louis, 26 de março de 1864.

“Senhor abade,

“Em vossa conferência de quinta-feira última (24 de março), atacastes o Espiritismo e quero crer que o tendes feito

de boa-fé, embora os argumentos de que vos servistes contra ele talvez não tenham sido de inteira exatidão.

“Para nós, espíritas convictos, é lamentável que os tendes ido colher fora da fonte de conhecimento positivo desta ciência. Estudando-o um pouco, teríeis sabido que repelimos, assim como vós, todas as comunicações emanadas de Espíritos grosseiros ou enganadores, que com a menor experiência são facilmente reconhecidos, e que nós nos fixamos apenas àqueles que se apresentam de maneira clara, racional e segundo as leis de Deus que, vós o sabeis, tanto quanto nós, em todos os tempos permitiu as manifestações espíritas. As santas Escrituras aí estão para provar.

“Aliás, não negais a existência dos Espíritos; ao contrário; apenas admitis a dos maus. Eis a diferença que existe entre nós.

“Temos certeza de que existem os bons e de que seus conselhos, quando seguidos – e todo verdadeiro espírita os segue – conduzem mais almas a Deus e dão mais prosélitos à religião do que pensais. Mas para compreender e praticar esta ciência, bem como todas as outras, é preciso, antes de mais, instruir-se e conhecê-la a fundo.

“Assim, senhor abade, eu vos aconselho, não só no vosso, mas no interesse de todos os que têm a felicidade de vos ouvir, a ler uma das principais obras que apareceram sobre o assunto, *O Livro dos Espíritos*, por estes ditada ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris, composta de gente séria e, em sua maioria, muito instruída.

“Aí vereis que somente os ignorantes se deixam enganar por falsos nomes e palavras mentirosas, e que *pelos frutos é muito fácil conhecer a árvore!* Aliás, terei necessidade de vos lembrar a 4ª epístola de São João, versículos 1, 2 e 3, sobre a maneira de experimentar os Espíritos?

“Sim, concordo, o Espiritismo é uma ciência que, assim como o que existe de melhor neste mundo, por vezes pode produzir grandes males, quando exercida por aqueles que não a estudaram e a praticam ao acaso. Como, então, julgá-la, homem prudente que sois, sem a conhecer?”

“E nossa bela religião cristã – em nome da qual tão grande número de insensatos, de ignorantes e até de celerados cometeram tantos crimes e fizeram derramar tanto sangue – também deve ser julgada pelas ações loucas ou criminosas desses infelizes?”

“Não, senhor abade, não é justo, nem racional fazer um julgamento temerário sobre coisas que, de início, não nos certificamos. Deixai a superfície, ide ao fundo pelo estudo; só então podereis tratá-las com conhecimento de causa e nós vos escutaremos com recolhimento, porque, então, sem dúvida estareis certo e não mais sorriremos dizendo baixinho: Ele fala do que ignora.”

Um espírita

Se o Espiritismo tem detratores, também tem defensores por toda parte, mesmo nas regiões mais afastadas. O autor desta carta publicou em folhetins, nesse mesmo jornal, um romance muito interessante, cuja base é o Espiritismo e que contribuiu poderosamente para difundir estas idéias naquela região. Voltaremos a este assunto mais tarde.

Extrato da *Revista Espírita de Antuérpia*

SOBRE A CRUZADA CONTRA O ESPIRITISMO

(Número de junho de 1863)

“Decididamente o Espiritismo é uma coisa horrível, porque jamais a Ciência, nem doutrina herética, nem o próprio ateísmo levantaram contra si tão forte comoção no seio da Igreja,

como o fez o Espiritismo. Todos os recursos imagináveis, laís ou não, foram postos em jogo, a princípio para o abafar e depois, quando demonstrada a impossibilidade de o destruir, para o desnaturar e o apresentar sobre o negro aspecto de pecados. Pobre Espiritismo! Ele só pedia um lugarzinho ao sol para fazer que o mundo gozasse, gratuitamente, de seus benefícios; não pedia a essas criaturas que, na qualidade de supostos discípulos do Cristo, do Homem-amor, presumem trazer a palavra caridade inscrita em letras brilhantes sobre suas vestes eclesiásticas; não lhes pedia senão conduzir ao bom caminho esses milhares de ovelhas que eles tinham sido incapazes de conservar; só lhes pedia o poder de secundá-los em sua obra de devotamento, curando por uma esperança legítima os pobres corações corroídos pela gangrena da dúvida, e esse pedido tão desinteressado, de intenção tão pura, foi respondido por um decreto de proscricção! Realmente vêem-se coisas estranhas neste mundo: os mensageiros oficiais da caridade condenam às penas eternas mais de nove décimos dos homens, porque escapam à sua influência, e condenam mais profundamente ainda os que querem salvar aqueles infelizes!

“Assim, sem a menor dúvida, o Espiritismo é algo muito culpável, tamanha é a maneira por que é combatido; mas é de causar admiração que uma doutrina tão perversa tenha caminhado tanto em tão curto lapso de tempo. Mas o que parece ainda mais notável é que esse abominável Espiritismo se tenha estabelecido tão solidamente e seja tão lógico; que todos os argumentos que lhe opõem, longe de o destruir e o reduzir a nada, longe mesmo de o abalar, ao contrário, todos vêm contribuir, por sua inanidade e manifesta impotência, para a sua propagação e solidificação. Com efeito, é pelos entraves que lhe quiseram suscitar que ele deve, em notável parte, a rapidez de sua extensão, não tendo sido desprezível o auxílio prestado pelas prédicas desenfreadas de certos adversários para a sua generalização. É assim na ordem das coisas: a verdade nada tem a temer de seus detratores e são esses mesmos que involuntariamente contribuem para fazê-la triunfar. O

Espiritismo é um imenso foco de calor e de luz, e quem soprar sobre esse braseiro, além de se queimar um pouco, não consegue outro resultado senão o reavivar ainda mais.

“Entretanto, pastorais e conferências parecem insuficientes para aniquilar o Espiritismo – e estamos longe de negar essa influência patente. Assim, a Congregação romana acaba de pôr no *Índex* todos os livros do Sr. Allan Kardec, livros que contêm o ensino universal dos Espíritos, aos quais todos nós, espíritas, estamos ligados. Que nos permitam fazer a respeito as duas reflexões seguintes: Os livros espíritas em questão encerram, em toda a sua pureza e com os desenvolvimentos que exige o estado atual do espírito humano, os ensinamentos e preceitos de Jesus, em quem os Espíritos reconhecem um Messias. Condenar esses livros e pô-los no *Índex* não é condenar as palavras do Cristo e, de certo modo, ali colocar os Evangelhos, que estão de acordo conosco? Parece-nos que sim, mas é verdade que não somos *infalíveis* como vós! Segunda reflexão: Esta medida que hoje tomam não é um tanto tardia? Por que esperaram tanto tempo? Além de ser mais ou menos inexplicável (a menos que se creia que o Espiritismo vos pareça de tal modo verdadeiro e que estejais de tal sorte persuadidos do seu triunfo, que durante muito tempo vacilastes em atacá-lo abertamente, e que um interesse pessoal deveras poderoso, já que não cometeremos a injúria de vos supor ultra-ignorantes, vos decidiu a fazê-lo), além de ser mais ou menos inexplicável, dizemos nós, ainda revela muita falta de habilidade. Com efeito, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e a *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, estão atualmente nas mãos de milhares de pessoas e duvidamos muito que a condenação da Congregação de Roma possa agora fazer achar mau e abjeto o que cada um julgou grande e nobre.

“Seja como for, os livros espíritas foram postos no *Índex*. Tanto melhor, porque muitos dos que ainda não os leram irão devorá-los. Tanto melhor! porque de dez pessoas que os

percorrem pelo menos sete se convencerão ou ficarão fortemente abaladas e desejosas de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços redundar em resultados diametralmente opostos aos que esperavam, ligar-se-ão a nós, se forem sinceros, desinteressados e possuírem as luzes que seu ministério comporta. Aliás, assim o quer a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, pois tudo progride e a idéia religiosa deve seguir o progresso geral, se não quiser desaparecer.

“Que os nossos adversários continuem, então, a sua cruzada. Já puseram em jogo as pastorais, os sermões, os cursos públicos, as influências ocultas, algumas vezes aparentemente vitoriosas, por causa do estado dependente daqueles sobre os quais pesam tiranicamente; serviram-se do auto-de-fé, queimando publicamente nossos livros em Barcelona; só tendo podido queimar alguns exemplares, e estes se substituindo em número impressionante, por fim os puseram no *Índex*. Ah! não sendo mais tolerada a Inquisição, embora, sob uma forma ou outra, continue existindo, e ajudados pelas influências ocultas de que acabamos de falar, não lhes resta senão a excomunhão em massa de todos os espíritas, isto é, de uma notável fração de homens e, em particular, de uma considerável fração de cristãos (e só falamos dos espíritas confessos, pois inapreciável é o número dos que o são sem saber).”

Instruções dos Espíritos

O CASTIGO PELA LUZ

Nota – Numa das sessões da Sociedade Espírita de Paris, em que se havia discutido a questão da perturbação que geralmente se segue à morte, um Espírito se manifestou espontaneamente à Sra. Costel, dando a comunicação que se segue, e que não leva a sua assinatura:

“Que falais de perturbação? Por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais perfeitamente as coisas de que vos pretendeis ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo, talvez, em vossos cérebros. Estou tão recentemente morto quanto possível, e vejo claro em mim, em redor de mim, em toda parte... A vida é uma lúgubre comédia! Desastrados os que se retiram de cena antes de cair o pano... A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, a afrontam ou a imploram. Para todos é uma amarga irrisão!... A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser... Castigaram-me pelas trevas da prisão e pensaram castigar-me pelas trevas do túmulo, ou as sonhadas pelos supersticiosos católicos. Pois bem! sois vós, senhores, que sofreis a escuridão, e eu, o degradado social, paio acima de vós... Quero continuar eu!... Forte pelo pensamento, desdenho os avisos que ressoam à minha volta... Vejo claro... Um crime! é uma palavra! O crime existe por toda parte. Quando praticado por massas de homens, glorificam-no; em particular, é maldito. Absurdo!

“Não quero ser lamentado... nada peço... eu me basto e saberei bem lutar contra esta luz odiosa.”

Aquele que ontem era um homem

Tendo sido analisada esta comunicação na sessão seguinte, foi reconhecido, mesmo no cinismo da linguagem, um grave ensinamento e se viu na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que aguarda os culpados. Com efeito, enquanto uns são mergulhados nas trevas ou no isolamento absoluto, outros suportam durante longos anos as angústias de sua última hora, ou ainda se julgam neste mundo; a luz brilha para este; seu Espírito goza da plenitude de suas faculdades; sabe perfeitamente que está morto e de nada se queixa; não pede qualquer assistência e ainda afronta as leis divinas e humanas. Escapará à punição? Não, mas a

justiça divina se realiza sob todas as formas, e o que constitui a alegria de uns, para outros é um tormento; essa luz é o seu suplício, contra o qual se obstina e, malgrado o seu orgulho, ele o confessa quando diz: “Eu me basto e saberei bem lutar contra essa luz odiosa”; e nessa outra frase: “A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser.” Estas palavras: *sutileza de meu ser* são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável pela luz, da qual não pode escapar, e essa luz o trespassa como seta aguda.

Solicitados a dar sua apreciação sobre o assunto, nossos guias espirituais ditaram as três comunicações seguintes, que merecem séria atenção:

(Médium: Sr. A. Didier)

Há provações sem expiação, como há expiações sem provação. Evidentemente, na erraticidade, do ponto de vista das existências, os Espíritos estão inativos e à espera. Todavia, podem expiar, desde que o orgulho, a tenacidade formidável e a rebeldia de seus erros não os retenham no momento de sua ascensão progressiva. Tendes um exemplo terrível na última comunicação, relativamente ao criminoso que se debate contra a justiça divina que o persegue, depois da dos homens. Neste caso, então, a expiação, ou antes, o sofrimento fatal que os oprime, em vez de lhes aproveitar e de lhes fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta e lhes faz soltar esses murmúrios que as Escrituras, em sua poética eloqüência, chamam *ranger de dentes*. Imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! perdida na dor, mas cuja revolta ainda é bastante grande para recusar reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Amiúde os grandes erros se prolongam quase sempre no mundo dos Espíritos; do mesmo modo, as grandes consciências

criminosas. Ser dono de si, a despeito de tudo, e pavonear-se diante do infinito, assemelha-se a essa cegueira do homem que contempla as estrelas e as toma por arabescos de um teto, como imaginavam os gauleses do tempo de Alexandre.

Existe o infinito moral! Miserável é aquele, ínfimo é aquele que, a pretexto de continuar as lutas e as bravatas abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que aqui embaixo! A esse a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a interrupção do progresso! É certíssimo, ó homens, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro, deixado na Terra, e a imortalidade que guardam realmente os Espíritos em suas provações sucessivas.

Lamennais

Observação – Para compreender o sentido desta frase: “Há provações sem expiação e expiações sem provação”, é necessário entender por *expiação* o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado. O pensamento de Lamennais é este: Conforme as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas pelo arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de as tornar proveitosas para seu próprio melhoramento, haverá ou não expiação, isto é, reabilitação. Assim, os maiores sofrimentos podem não ter proveito para aquele que os suporta, se não o tornarem melhor, se não o elevarem acima da matéria, se não virem a mão de Deus, enfim, se não o fizerem dar um passo à frente, porquanto terão de recomeçar em condições ainda mais penosas. Deste ponto de vista, dá-se o mesmo com as penas sofridas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre sem ser tocado pelo arrependimento. Eis por que as pode prolongar indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara as faltas.

(Médium: Sr. d'Ambel)

Se precipitarmos um homem nas trevas ou em ondas de luz o resultado não será o mesmo? Num e noutro caso, ele nada vê do que o cerca e se habituará muito mais rapidamente à sombra do que à tripla claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade de sua situação, quando exclama: “Oh! eu saberei bem lutar contra esta luz odiosa!” Com efeito, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais atroz que o trespassa completamente, tornando visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Eis um dos lados mais duros de seu castigo espiritual. Ele se acha, a bem dizer, internado na casa de vidro que pedia Sócrates, e aí está ainda um ensinamento, porque o que teria sido a alegria e o consolo do sábio torna-se a punição infamante e contínua do mau, do criminoso, do parricida, assustado em sua própria personalidade.

Compreendeis, meus filhos, a dor e o terror que devem oprimir aquele que, durante uma existência sinistra, se comprazia em arquitetar, em maquinar as mais tristes perversidades no fundo de seu ser, onde se refugiava como uma fera em sua toca, e que hoje se acha expulso desse refúgio íntimo, onde se subtraía aos olhares e à investigação dos contemporâneos? Agora sua máscara de impassibilidade lhe é arrancada e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente em sua frente!

Sim, doravante nenhum repouso, nenhum asilo para esse formidável criminoso! Cada mau pensamento – e Deus sabe se sua alma os exprime – se trai fora e dentro de si, como num choque elétrico superior. Quer ocultar-se à multidão, e a luz odiosa o atravessa continuamente. Quer fugir, foge numa carreira ofegante e desesperada, através dos espaços incomensuráveis e, por toda parte, a luz! por toda parte os olhares que nele mergulham! e se precipita novamente, em busca da sombra, da noite, e a sombra e a

noite para ele não existem. Chama a morte em seu auxílio, mas a morte não passa de um nome vazio de sentido. O infeliz foge sempre! Marcha para a loucura espiritual, terrível castigo! dor horrível! onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si próprio. Porque tal é a lei suprema além da Terra: é o culpado que se torna, para si mesmo, seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo durará isto? Até a hora em que sua vontade, enfim vencida, curvar-se sob a pungente pressão do remorso, e em que sua fronte soberba humilhar-se perante suas vítimas apaziguadas e ante os Espíritos de justiça. E notai a alta lógica das leis imutáveis; nisto ele ainda cumprirá o que escrevia nessa arrogante comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente cheia de si, que deu sexta-feira última, desobrigando-se por um ato de sua própria vontade.

O Espírito protetor do médium

(Médium: Sr. Costel)

A justiça humana não faz acepção da individualidade dos seres que castiga. Medindo o crime pelo crime em si, fere indistintamente os que os cometeram, e a mesma pena atinge o culpado sem distinção de sexo e seja qual for a sua educação. A justiça divina procede de outro modo; as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são aplicadas. A igualdade do crime não constitui igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados no mesmo grau podem ser separados pela distância das provas, que mergulham um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, ao passo que o outro, os tendo ultrapassado, possui a lucidez que liberta o Espírito da perturbação. Então não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela atravessa a inteligência terrena e o faz experimentar a angústia de uma chaga reavivada.

Os seres desencarnados perseguidos pela representação material de seu crime sofrem o choque da eletricidade física: sofrem pelos sentidos. Os que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila nas suas vagas amargas a recordação dos fatos, para não deixar subsistir senão a ciência de suas causas.

O homem pode, pois, a despeito da criminalidade de suas ações, possuir um adiantamento interior, pois enquanto suas paixões o fazem agir como um bruto, suas faculdades afiadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é, pois, o raio que inunda de claridade os recônditos de seu orgulho e a lhe pôr a descoberto a inanidade de seu ser fragmentário. Eis os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual, que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais materiais, que compõem a primitiva dualidade humana, e devem desaparecer na grande unidade do ser acabado.

Jean Reynaud

Observação – Recebidas simultaneamente, estas três comunicações se complementam, apresentando o castigo sob novo aspecto, eminentemente filosófico, um pouco mais racional que as chamas do inferno, com suas cavernas guarnecidas de navalhas. (Vide *A religião e o progresso*, neste número.) É provável que os Espíritos, querendo tratar a questão por um exemplo, tenham provocado, com esse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

Notas Bibliográficas

A EDUCAÇÃO MATERNA

Conselho às mães de família¹⁵

Este opúsculo é produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à Sra. Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que se assina *Étienne*, desconhecido da médium. Essas instruções, antes publicadas em artigos avulsos pelo jornal *Sauveur*, foram reunidas em brochura.

É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo: estilo simples, claro, conciso, sem ênfase, nem palavras vazias de sentido; pensamentos profundos, lógica irreprochável, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso de Espíritos que julgam compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos fazer estes elogios porque sabemos que a Sra. Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio não será superexcitado, assim como não se melindraria com a mais severa crítica.

Nesse escrito, a educação é encarada sob seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerado desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que encerra, razão por que lhes recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.

A brochura é rematada por um pequeno poema, intitulado *O corpo e o Espírito*, também mediúnico, que mais de um autor de renome poderia assinar sem receio. Eis o seu começo:

15 Brochura in-8^o; Preço: 50 c.; pelo correio: 60 c. – Paris: Ledoyen, Palais-Royal, galerie d'Orléans, n^o 31. – Bordeaux: Ferret, livreiro, 15, Fossés-de-l'Intendance, e no escritório do jornal *Sauveur*, 57, cours d'Aquitaine.

Morfeu já mergulhara em sono os meus sentidos;
 Meu Espírito, então, nos sonhos mais garridos,
 Emancipar-se quis pelo espaço a bom gosto,
 Do seu corpo a fugir qual soldado do posto.
 Como aspira o detento a gemer nas algemas,
 Quis libertar-se pois das angústias extremas;
 Uma doce lembrança, um capricho, um mistério
 Levava-o a deixar da terra o amargo império?
 Dizer não saberia, e ele mesmo, ao regresso,
 Responde a essa questão nos termos em tropeço,
 Mas logo compreendi dessa astúcia o motivo
 E muito me zanguei, que a enganos sou esquivo,
 “Ao menos me direis Espírito brioso
 “Que vistes nesses céus de belo e grandioso?
 “ – Eu para te agradecer, dizer-te algo é preciso
 “Senão o carcereiro em seu humor sem riso
 “Aplicaria ao preso o seu sermão brutal
 “E o mísero cativo estaria bem mal...
 “Sabe, pois... – Esperai. É bem a mesma história
 “Que vós me ides contar? – Oh! sim, e de memória
 “E sabe mais, no mundo espiritual, outrora
 “Parentes eu deixei, bons amigos que, agora,
 “Os queria rever: porque o exílio terrestre
 “Não é feito, bem sei, para um prazer campestre!
 “Aproveitando o sono enquanto preso ao leito
 “Meu corpo lá deixei e, *Espírito refeito*,
 “Eu transpus os degraus que separam os mundos,
 “Fazendo esse trajeto em quase dois segundos.
 “Convinha se apressar pois o menor atraso
 “Podia pôr-te em risco. Ah, se qualquer desazo
 “Levasse-me a olvidar-me em tão longo percurso.
 “Ao retornar, vê bem, em erro grave incurso,
 “Cadáver acharia em vez do corpo meu.
 “Sempre busco evitar do remorso o apogeu.
 “Sabia que ao ficar cometeria um crime,
 “Só Deus pode quebrar tão íntimo regime.
 “ – Muito obrigado, pois, Espírito querido,
 “Que eu teria sem vós certamente morrido
 “Ante o menor atraso... Ah! fé em corpo honrado,
 “Na cabeça o cabelo até sinto eriçado!”

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES

Por ALLAN KARDEC

Edição em língua russa

Impresso em Leipzig, por *Baer & Hermann* – Paris: Ledoyen, Palais-Royal; Didier & Cie., 35, quai des Augustins; e no escritório da *Revista Espírita*. – Preço: 20 centavos; pelos Correios: 25 centavos.

AVISO – O Dr. *Chauvaux*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritos de Marselha, pede anunciemos que a sede da dita sociedade é na rue du Petit-Saint-Jean, 24, primeiro andar.

Allan Kardec